

---

# ESCUTAR A CRIANÇA

*Davi Francisco Da Silva Barreto<sup>14</sup>*

A clínica com crianças é objeto de muitos estudos que tentam apontar particularidades do trabalho psicanalítico nesta modalidade. A importância do brincar, para o sujeito em tratamento e para o trabalho do praticante da psicanálise, é patente em nosso campo. Do mesmo modo, a escuta dos adultos responsáveis como parte fundamental da cena clínica também é tomada como consenso. Estes aspectos, que marcariam diferenças importantes em relação ao atendimento de adultos, são evidenciados aqui como condição *sine qua non* para o tratamento, firmados sobre a regra fundamental do método psicanalítico: a associação livre (do lado do analisante) e a atenção flutuante (do lado do praticante).

Ainda que as diferenças entre o atendimento a crianças e adultos não possam ser catalogadas por critérios precisos — nem se trata de buscar tal demarcação —, parece consensual também que o trabalho com crianças nos coloca diante de questões para

---

<sup>14</sup> enfimdavi@gmail.com

além das que se impõem diante de qualquer sujeito que busca um analista. Assim, partindo deste ponto, toma-se um caso clínico como mobilizador destas particularidades diante das quais pode-se pensar nas possibilidades de direção do tratamento.

Depois de alguns atendimentos descontinuados na Clínica-Escola, M.H. chega até mim, uma menina de seis anos de idade. É sua mãe quem a traz e com quem converso, inicialmente sem a presença da criança, para saber o motivo da busca por atendimento psicológico. Conta que a menina tem muita dificuldade em manter-se distante dela e do seu companheiro, pai da M.H. Por este motivo, chegou a pedir demissão do trabalho, que se dava em esquema de plantões noturnos, por conta da dificuldade da filha. Também por este motivo, a rotina tem sido difícil, pois o pai também trabalha no período noturno, o que causa muito sofrimento à criança, especialmente na hora de dormir. Conta que, além disso, a escola relatou alguma queda no rendimento escolar e comportamento irritadiço, confirmado pela mãe.

Após esta primeira escuta, na recepção pergunto a M.H. se posso conversar com ela individualmente, frente ao que se

recusa com o gesto de se esconder, agarrando-se à mãe. Minha tentativa de negociação não obtém sucesso e seguimos os três para o consultório. Permito que escolha onde quer se sentar e ela se dirige ao tapete reservado aos brinquedos. Sento-me junto a ela e sua mãe se posiciona fora deste quadro, inicialmente observando nosso diálogo, mas logo se separando de nós, concentrando-se em seu aparelho celular.

A criança brinca com diversos brinquedos, transicionando entre as opções sem que eu interfira. Em algum momento, usa as peças de montar para construir objetos, num dos quais encaixa as quatro cabeças de gatinhos disponíveis. Vale lembrar a coincidência com o número de membros da sua família nuclear, composta por ela, seus pais e seu irmão mais novo. Diz gostar de desenhar e providencio o material, além de acompanhá-la nesta tarefa, em uma folha de papel separada. Ao fim do atendimento, entrega-me o seu desenho por sugestão da mãe, no topo do qual havia escrito seu nome junto ao meu. Questiono-me sobre a posição destinada a mim por meio deste endereçamento, a respeito do qual qualquer interpretação somente será possível num outro tempo.

Após este primeiro contato, sou inundado por dúvidas

sobre a escuta com a criança, bem como a condução da escuta da mãe, que integra o trabalho, contudo não está presente na condição de analisante. A partir da supervisão e da sessão seguinte da minha análise pessoal, arrisco escutar a mãe sempre antes de atender a criança. Posteriormente questiono se tal decisão poderia ter ocorrido devido à incidência da minha própria fantasia diante do caso, fazendo vacilar a posição de analista enquanto função, aderido ao Outro da criança, cujo lugar foi ilustrado pelo ajuntamento dos nossos nomes no desenho mencionado anteriormente.

No segundo encontro, questiono a mãe sobre a gestação de M.H., que afirma enfaticamente que não foi planejada, mas muito desejada. Contudo, não se deu sem complicações, relatando que precisou de muito cuidado para manter a gravidez, já que ocorreu o descolamento prematuro da placenta, requerendo cuidados específicos. Esta informação tomou outra importância posteriormente para construção da hipótese clínica. Ainda neste diálogo, a mãe afirma: *Talvez seja eu que tenha mais dificuldade para me separar dela*. A fala teve efeito de surpresa para mim, por ter surgido tão precocemente, considerando que amplia os sentidos explicitados pela demanda, apresentada como sendo da criança, mas que parece também habitar o desejo

dos genitores, o que me remete ao que diz Laurent (2024), ao afirmar que:

A diferença entre a criança e o adulto é que a criança tem pais que a apresentam ao analista, e que esses pais não estão mortos para ela. A criança manifesta com seus sintomas a verdade do que é o discurso familiar sobre ela (discurso de idealizações, o que se espera dela, em que lugar está exatamente). Esse discurso sobre ela não é o essencial, o essencial é a verdade, o ponto de gozo que há em tudo isso. Em seu sintoma, manifesta a articulação entre o pai e a mãe, o que foi o desejo que produziu essa criança. A criança é produto ou é dejetivo de um desejo.

Inicialmente, a partir do que se pôde escutar do par mãe-filha, não pude evitar alguma suposição sobre a dificuldade dos personagens deste romance familiar em sustentar aquilo a que Lacan (2008) se refere como *operação de separação*, condição fundamental para o aparecimento do sujeito como tal. Os entraves enfrentados por M.H. me pareciam decorrentes de uma suposta falha na separação, que resultariam na posição de alienação em relação ao Outro Materno. Contudo, se estivesse certo a respeito desta hipótese, o quadro apresentado talvez se mostrasse um tanto mais complexo, considerando as consequências das falhas nesta operação.

Ao longo dos cinco primeiros atendimentos realizados no contexto destas primeiras entrevistas, alguns significantes pareciam se destacar na fala da mãe, bem como no brincar e nas palavras da criança. A partir de certo momento, a demanda dos pais, explicitada pela mãe — *dificuldade de se separar* — parece ecoar os sentidos do *descolamento* de placenta que, em última instância, significaria a morte da filha, que manifesta o sintoma dos pais como sendo seu. Convém lembrar que:

Quando a função paterna não opera como mediação entre o ideal do eu e o desejo da mãe, o sintoma que prevalece na criança é efeito da fantasia materna, ou seja, da subjetividade da mãe. Dito de outra forma, o sintoma não é efeito da articulação entre as funções do pai e da mãe, mas sim correlato à fantasia desta última (FERRETTI, n.p., 2016).

Ainda que a criança chegue aos analistas por meio da demanda de um outro, a sua própria demanda não está ausente. Caberia a mim, então, escutar a criança até que seu próprio dizer pudesse apontá-la. Apesar deste, que parece ser um traço comum na análise com crianças, o sintoma de M.H. — e, logo, os signos da sua demanda — já estava em cena desde antes. As questões que me surgiram, mencionadas anteriormente, apontavam para isso, ainda que àquele momento eu não a tivesse

notado. Somente *a posteriori* se torna possível ler esse medo de se separar dos pais como medo de perdê-los e, em sua ambivalência, o desejo de separar-se.

Se a angústia, enquanto afeto desligado de representação (FREUD, p. 399, 1915 [1916]), é manifestada diante da ausência dos pais, esta mesma ausência pôde ser lida como objeto fóbico, aversivo, do qual M.H. precisa se manter distante. O que não se deu como suposição fácil, já que tal o objeto é desprovido de tangibilidade, como se pensa comumente. A partir de então, parece possível escutar a demanda da criança, ao ler esse medo não exclusivamente como reclame contra a operação de separação ocorrida, mas como sintoma e, por consequência, como sua demanda. Creio que aí se possa mostrar algo que aponte a direção do tratamento, a partir de então, seguindo com o que nos lembra Laurent (2014), ao afirmar que “Lacan dizia que a maneira pela qual o psicanalista pode intervir mais facilmente é quando há essa manifestação sintomática na criança. O protótipo disso é a fobia.”

A ausência do pai parece, então, se colocar para M.H. como articulação de três distintas funções que resultam no embaraço diante do saber sobre sua posição na tríade com o pai

e a mãe. Pela via da identificação com o desejo materno, o temor dá forma ao desejo por uma ausência definitiva do pai, que abriria espaço para a manutenção da parceria imaginária com a mãe; ao tomá-la como objeto fóbico, lança mão do chamamento pela intervenção paterna que venha a barrar o gozo materno advindo da parceria com a criança. Dito de outro modo, “o sintoma é uma metáfora que visa fundamentalmente à realização indireta de um desejo recalcado e, ainda, o lugar em que a angústia sinaliza a aproximação do objeto *a*” (CASTRO; SILVEIRA, 2016, p. 9). Ao mesmo tempo M.H. parece estar aderida ao  $S_1$  que faz referência ao *descolamento* como morte de si. Sobre este último aspecto, cabe lembrar que “No sintoma o que predomina é a fixação de uma metáfora, o gozo que há em palavras congeladas, em ditos que desempenham um papel no destino da criança, ou, como dizia Freud, o sintoma organizado pelo núcleo superegóico” (LAURENT, 2024).

No segundo encontro, M.H. resiste a vir comigo sem sua mãe. Sugiro que ela possa nos acompanhar até a porta do consultório e a proposta é aceita. Espero que escolha onde se sentar, dirigindo-se novamente ao tapete com brinquedos, e eu me coloco numa das cadeiras infantis, mas fora do território ocupado por ela. Esta configuração, que se deu

espontaneamente, posteriormente seria mantida como modo de criar algum intervalo entre o espaço da criança e o analista, em oposição ao que parece acontecer na configuração familiar.

A mãe informa que M.H. se angustia diante da ausência do pai. No quarto atendimento, diz ter sido mais difícil na semana anterior e que, em vez de querelante a respeito da necessidade de o pai se ausentar, a criança mostrou-se *muito sentida, com um choro muito sofrido (sic)*. Esta fala fez com que eu me deparasse novamente com as questões que me fiz após o primeiro atendimento, semanas atrás: *De que se trata este medo que M.H. sente? Que medo intenso é esse?* Estas perguntas, bem como o significante *descolamento*, permaneceram presentes, como um ponto opaco reservado até que pudesse ser brunido por algum outro dizer, a qualquer tempo, pois se “Assim como o sonho, o sintoma comporta a realização de desejo” (CASTRO; SILVEIRA, 2016, p. 10), trata-se de saber qual desejo é mascarado por este medo.

Neste mesmo dia, a genitora relata que M.H. havia chorado muito na noite anterior, quando foram ao cinema assistir a *Lilo & Stitch*. Em algum momento do atendimento, quando me fala sobre a ida ao cinema, lembro do que sua mãe

havia dito e pergunto-lhe o que no filme a fez chorar. Diz ter se emocionado com uma cena ao final. Insisto em saber o que acontecia nesta cena e ela descreve o momento em que Stitch se afoga e Lilo, por ser pequena, não consegue salvá-lo sozinha. É a irmã mais velha da protagonista que consegue evitar a morte iminente.

Algo nesta situação parece ter tocado no furo do imbróglio da trama familiar, contornada pelo significante *perda* (*sic*), diante do qual M.H. parece não saber o que fazer. Questionada sobre o que lhe interessa nestes personagens, responde: *Eles são muito amigos. Nunca se separam*, colocando em cena o fato de que “O significante é a marca do sujeito” (LACAN, 2008, p. 66). Diante disso, digo que se eles nunca se separam, não há espaço para serem amigos de mais ninguém. Nesta mesma sessão, outros significantes desta cadeia aparecem em sua fala, quando narra outros fatos da sua vida em que *perder* ou *separar-se* lhe surgem, como a morte de sua gata quando M.H. tinha três anos, segundo seu relato, e o primeiro dia na escola, quando precisou se separar dos pais:

*Estagiário: E como foi para você ter que deixar seus pais?*

*M.H.: Ah, foi triste, mas foi legal*

Demonstro interesse em saber como ou por quê foi legal, apesar de triste, e M.H. narra o encontro com os novos colegas e as experiências que pôde viver, mesmo sendo necessário se separar dos seus pais momentaneamente. Ao falar sobre seu primeiro e melhor amigo na escola, pergunto o que acontece se ele ou ela tiverem outros amigos.

*M.H.: Eu apresento eles para brincarem juntos.*

*Estagiário: E se eles não quiserem?*

*M.H. Tudo bem.*

Digo que, assim como Lilo e Stitch, caso nunca se separem não poderão estar com outras pessoas. Digo também que, apesar de ter que deixá-los, pôde reencontrar seus pais logo que terminou o primeiro dia na escola. Em seguida, observo que M.H. havia novamente montado as peças do brinquedo, contudo só três cabeças estavam disponíveis. Inicialmente fez uso dessa quantidade, mas em seguida, retirou uma delas, mantendo somente duas, formando um par. Comento o sumiço do quarto gatinho, informo o fim da sessão e a convido para guardar os brinquedos na caixa. Momentos antes, eu havia notado que o quarto gatinho estava fora do alcance da sua visão, na última prateleira da parede. Simulo surpresa e digo tê-lo encontrado, guardando-o na caixa com os demais:

*Estagiário: Olha, encontrei o outro! Estava perdido... agora está junto de todos de novo.*

Não há garantias quanto às intervenções, considerando que qualquer efeito somente pode se mostrar *a posteriori*. Além disso, as entrevistas preliminares operam no sentido de permitir ao analista ler o sintoma da criança advindo do seu próprio dizer. Sobre o sujeito Lacan (2008, p. 210) nos diz:

O primeiro objeto que ele propõe a esse desejo parental é desconhecido, é sua própria perda — *Pode ele me perder?* A fantasia de sua morte, de seu desaparecimento, é o primeiro objeto que o sujeito tem a pôr em jogo nessa dialética, e ele o põe [...].

Nesse sentido, apesar dos tropeços aparentes de M.H. a respeito do seu lugar no desejo do Outro, seu sintoma é uma tentativa de elaborar uma resposta, dito de outro modo:

Algo se dá a ver e que, no entanto, deve ser mostrado de forma invertida, deformada, mas ainda assim passível de se fazer mostrar, de dizer. Sendo assim, mesmo que distorcido, o sintoma fala, tem um sentido que deve, portanto, ser ouvido, decifrado (CASTRO; SILVEIRA, 2016, p. 10).

A delicadeza em questão diz respeito ao fato de que, ao tentar responder à demanda da mãe, vê-se diante da necessidade ou do medo do seu próprio desvanecimento.

Resta saber se a análise, ou o analista, poderão contribuir para a construção de uma fantasia menos arriscada para M.H. Assim como Stitch precisou de um terceiro para salvá-lo, o sintoma dessa criança convoca algo que possa servir de anteparo entre ela e a demanda parental. Afinal, “A relação do sujeito ao Outro se engendra por inteiro num processo de hiância” (LACAN, 2008, p. 202).

As observações apontadas devem ser tomadas como hipóteses que norteiam o raciocínio clínico a partir do que o caso suscita até então. Não há como prever o destino das situações clínicas que nos surgem e qualquer tentativa, além de vã, não encontra respaldo teórico-técnico. Por este motivo, sugere-se que as construções dos relatos de casos clínicos devam se dar após seu encerramento (ASSADI; DUNKER; RAMIREZ, 2023), também no *só depois*, por meio de olhar retroativo e, a partir disso, sendo possível tecer considerações sobre o caminho percorrido.

Todavia, apesar do aspecto incipiente de um relato que soma cinco sessões até então, o início do tratamento em muito pode contribuir para a formação, por nos situar diante do saber fazer em construção, que somente se dá por meio da experiência.

Em contrapartida, o não saber nos conduz quando diante do enigma da verdade de cada sujeito que chega ao consultório e nos situa mais próximos da posição que devemos ocupar, a fim de poder manter em causa o desejo do analista. Lembrando com Lacan (2016, p. 65), “Quero dizer que só se encontra o verdadeiro fora de toda proposição. Dizer que a verdade é inseparável dos efeitos de linguagem tomados como tais é incluir aí o inconsciente”.

## REFERÊNCIAS:

CASTRO, José Eduardo de; SILVEIRA, Mariana Gabriela. O sintoma da criança: produção compósita de desejo e de gozo. In: **Opção Lacaniana online nova série**. n. 20, ano 7, julho de 2016. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_20/O\\_sintoma\\_da\\_crianca.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_20/O_sintoma_da_crianca.pdf)> Acesso em 10 de junho de 2025.

ASSADI, Tatiana C. (org.); DUNKER, Christian (org.); RAMIREZ, Heloísa (org.). **A construção de Casos Clínicos em Psicanálise: Método Clínico e Formalização Discursiva**. Zagodoni Editora, 2ª ed. São Paulo, 2023.

FERRETTI, Mariana Galletti. “**Nota sobre a criança**”, de **Jacques Lacan**. Escola Brasileira de Psicanálise - São Paulo, 2016. Disponível em < <https://ebp.org.br/sp/nota-sobre-a-crianca-de-jacques-lacan/> >. Acesso em 12 de maio de 2025;

FREUD, S. (1932 [1936]). Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise e outros trabalhos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996;

\_\_\_\_\_. (1915 [1916]) Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996;

LACAN, Jacques. **O seminário - livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2. ed., 16. reimpr. Rio de Janeiro: Zahar, 2008;

\_\_\_\_\_. **O seminário - livro 17: O avesso da psicanálise**. 1. ed., 15. reimpr. Rio de Janeiro: Zahar, 2016;

\_\_\_\_\_. **O seminário - livro 18: De um discurso que não fosse do semblante**. 2. ed., 16. reimpr. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LAURENT, Éric. **Entrevista com Éric Laurent**: Crianças em análise. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, 2024. Disponível em: [<https://institutopsicanalise-mg.com.br/entrevista-com-eric-laurent-criancas-em-analise1/>]. Acesso em: 06 de junho de 2025.

MENDES, Eliana R. P. Sobre a supervisão. **Reverso**, Belo Horizonte, n. 64, p. 49-56, dez. 2012. Disponível em <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v34n64/v34n64a07.pdf>>